

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

EGAR PREIS JUNIOR

**POR TRÁS DAS MÁSCARAS: A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES
ÉTNICAS EM NOVA VENEZA - SC**

CRICIÚMA

2017

EGAR PREIS JUNIOR

**POR TRÁS DAS MÁSCARAS: A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES
ÉTNICAS EM NOVA VENEZA - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Michele Gonçalves Cardoso

CRICIÚMA

2017

EGAR PREIS JUNIOR

POR TRÁS DAS MÁSCARAS: A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES ÉTNICAS EM NOVA VENEZA - SC

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de História, no Curso da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Patrimônio Cultural, Cultura Material e Memórias.

Criciúma, 24 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Michele Gonçalves Cardoso - Mestre - (UNESC) - Orientador

Prof. Emerson César de Campos - Doutor - (UDESC)

Prof. Tiago da Silva Coelho - Mestre - (UNESC)

**Dedico este trabalho aos amores da minha
vida: Izabelli, Maira, Tainá e Tunica.**

AGRADECIMENTOS

Este trabalho sem dúvidas é o fim de um ciclo muito importante da minha vida. Faltam-me palavras para agradecer a todos que me ajudaram ao longo deste processo, que foi árduo, ao mesmo tempo em que facilitado pela presença de cada um de vocês:

Mais do que a quem eu amo, agradeço a quem me ama, agradeço a minha mãe Maira por ter me posto no mundo através de um ventre livre, ter me educado de forma exemplar e me amar mais do que mereço. Agradeço a minha irmã Izabelle, por tudo que compartilhamos durante a vida, por todos os desafios, mas acima de tudo, por tudo, o que ainda iremos celebrar juntos.

Agradeço a minha companheira de todas as horas, Tainá, a pessoa mais linda em todos os sentidos que pude conhecer na minha existência, que graças à graduação em história, tive a oportunidade de dividir estes últimos três anos da minha vida. Assim como espero dividir o resto desta experiência mundana.

Agradeço a minha sogra Vanilda por todo o amparo, carinho e compreensão. A todos os amigos que tive o privilégio fazer nos últimos anos, sou grato, pois cada um faz parte de quem eu sou, amo a todos vocês!

Deixo expresso meu muito obrigado a Susan Bortoluzzi Brogni por ter me concedido entrevista, me recebendo nesta ocasião, com total hospitalidade e cordialidade na secretaria de esporte, cultura e turismo de Nova Veneza. Possibilitando-me acesso aos panfletos e cartazes que se tornarão de vital importância na realização deste trabalho.

Por último sou grato a todos os professores que de uma maneira ou de outra me ajudaram no percalço, em especial, a minha orientadora Michele, por toda a atenção e paciência durante o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso.

“Procure imitar-se a si mesmo. Ao passar muito tempo a imitar os outros, pode acabar por deturpar a sua identidade.”

Inácio Dantas

RESUMO

Desde o seu centenário de colonização em 1991, a cidade de Nova Veneza demonstrou seu interesse em explorar o potencial turístico do município através de suas expressões étnico-identitárias. Utilizando-se da etnia italiana, responsável pela colonização da região durante o fim do século XIX, o poder público municipal elaborou inúmeros investimentos e repaginações no centro da cidade. Entre as principais ações de transformação, destacam-se a criação da Festa da Gastronomia Italiana em 2004; a instalação de uma gôndola na praça central Humberto Bortoluzzi em 2006; e a introdução do Carnavalle di Venezia, a partir de 2007. Utilizando de conceitos como identidade (Bauman , 2005) e etnicidade (Poutignat e Streiff-fenart, 1998), são analisadas as formas como se constituiu a ideia de uma identidade étnica própria de Nova Veneza, visando observar quais aspectos foram incorporados neste contexto, os que foram encobertos e aqueles que foram resignificados ao longo do processo. Para tal objetivo, a investigação ocorre por meio de materiais produzidos para a divulgação das festividades municipais (comerciais televisivos, publicações em jornais impressos e online); além de entrevista oral realizada com agentes políticos responsáveis pela inserção de ações que direcionaram o município em prol da concretização quanto polo turístico sul catarinense. Motivado pela problemática de como a história local e de seus imigrantes é espelhada no presente. São percebidas as intenções por trás de tais representações étnicas, em sua grande maioria, impulsionadas por políticas públicas de incentivo a cultura e ao turismo. Em um movimento encabeçado pelas famílias tradicionais e elites locais de Nova Veneza.

Palavras-chave: Identidade. Etnia. Representações Etnicas. Italianidade. Nova Veneza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da AMREC	16
Figura 2 - Museu do Imigrante Cônego Miguel Giaca.	25
Figura 3 - Interior do Museu.	26
Figura 4 - Roda d'água em frente à Gôndola Lucille.	27
Figura 6 - Panfleto de divulgação da Festa de comemoração a colonização e emancipação de 2004.	33
Figura 7 - Chegada da Gôndola Lucille em 2006.	36
Figura 8 - Gôndola Lucille	38
Figura 9 - Guia turístico Una Rota Gastronômica Che Vi Porterà a Itália.	39
Figura 10 - Panfleto Festa da Gastronomia Italiana 2008..	41
Figura 11 - Panfleto Festa da Gastronomia Típica Italiana e Canavele di Venezia 2018	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMREC Associação dos Municípios da Região Carbonífera
IBGE Instituto Brasileiro Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A CONSTRUÇÃO DO TRADICIONAL: OS PRIMEIROS CEM ANOS DE NOVA VENEZA - SC	14
2.1 ENTRE A COLONIZAÇÃO E A HISTORIOGRAFIA REGIONAL: UMA ANÁLISE ÉTNICO-IDENTITÁRIA	14
2.2 CENTENÁRIO DE COLONIZAÇÃO: O RESSURGIMENTO DA ITALIANIDADE	22
3. AS TRANSFORMAÇÕES NO SÉCULO XXI: O CABIDEIRO DE ETNICIDADES	30
CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
REFERÊNCIAS ONLINE	50
FONTES DA SECRETARIA DE CULTURA DE NOVA VENEZA	51

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de questões que acumulei ao longo de toda a graduação. Durante este período, produzi ensaios e artigos nos quais abordei estudos relacionados à cultura, em especial, acerca das construções históricas que ocorreram em grande parte das cidades de Santa Catarina. Estas demonstraram o esforço incondicional de adorar um passado ligado ao mito fundador, para contemplar as ditas 'famílias tradicionais', sendo estas, em sua grande maioria, descendentes de alemães, italianos e portugueses.

A participação quanto estagiário no Projeto de Iniciação Científica "*Bela polenta cosi*": a festa da gastronomia italiana de Nova Veneza - SC e a constituição de identidades, junto a professora Michele Gonçalves Cardoso, veio a completar o meu interesse por esta área. Constatei a partir de então, a necessidade de compreender os aspectos constitutivos da representação étnico-identitária em Nova Veneza, neste sentido, identificando quais símbolos foram introduzidos, ou, reforçados durante esses processos do tempo presente, que ocorreram e ocorrem, na cidade de Nova Veneza, localidade em que residi a maior parte da minha vida.

A cidade de Nova Veneza fica localizada na mesorregião sul do estado de Santa Catarina. Assim como muitos municípios nesta parte do estado, foi colonizada por imigrantes europeus durante o século XIX. Especificamente, neste caso, por italianos provenientes da região do Vêneto, ao Norte da Itália, que chegaram ao estado em 1891, fundando a Colônia de Nova Veneza.

Atualmente, este pequeno município do interior, vem utilizando a etnia de seus antepassados como aporte para consolidar-se no mercado do turismo étnico. Para isso, desenvolveram ao longo dos anos diversas intervenções no centro do município em prol da concretização de tal objetivo. Entre os principais elementos a se destacar, podemos citar: a criação da festa da gastronomia italiana, a alocação de uma gôndola em sua praça central e a inserção de um Carnaval inspirado no de Veneza na Itália.

Diante do destaque público conquistado pelo município nos últimos anos, se faz necessária a realização de uma análise histórica acerca das representações étnicas nesta cidade. Para melhor compreendermos como se desencadearam tais processos, utilizaremos de conceitos como identidade Bauman (2005) e etnicidade Poutignat e Streiff-fenart, (1998). Estes nos ajudarão a estabelecer a fronteira entre

o que é expresso publicamente, em contraposição àquilo que é inventado para a concretização dos objetivos de elites e figuras públicas de Nova Veneza.

Diante destas questões, o presente trabalho, em seu primeiro capítulo fará uma contextualização histórica. Analisando como se deu o processo de ocupação na colônia de Nova Veneza, assim como, a forma com que a historiografia descreve a identidade étnica dos colonizadores. Diagnosticando a maneira como as representações históricas conversam, ou não, com os atuais discursos do município. Para isto, serão utilizadas obras como “História de Nova Veneza”, de Zumar H. Bortolotto (1991) e “Imigrantes: Sua História, Costumes e Tradições”, de Quinto Davide Baldessar (2005).

Em seguida, buscando compreender as políticas de nacionalização do Estado Novo, versaremos sobre como as ações tomadas por Getúlio Vargas e o interventor estadual Nereu Ramos, atingiram as populações de Nova Veneza e região. Neste propósito, utilizaremos de autores como Pereira (2004), para posteriormente entender que impactos foram gerados quanto às identidades étnicas destes grupos.

Ainda no primeiro capítulo, será analisado como se fundamentaram os símbolos de representação do imigrante durante as festividades do centenário de colonização em 1991. Sendo que este marco histórico representou o princípio das transformações que viriam a ser desencadeadas no município. Pois, pela primeira vez, o poder público municipal assume o papel de concretizar um ‘resgate’¹ cultural da etnia italiana, neste momento, construindo uma ponte entre aspectos morais do colono e de seus descendentes.

Já no segundo capítulo, serão aprofundadas as construções étnicas referentes ao século XXI. Neste período, de princípio, a gastronomia ‘tipicamente italiana’ será apresentada como maior símbolo da italianidade em Nova Veneza. O que se reforçou diante do título de capital catarinense da gastronomia italiana em 2003. Com a inserção do elemento gastronômico, os discursos começarão a se adequar, o que será observado ao analisarmos os panfletos e cartazes promocionais dos festejos municipais. Entretanto, perceberemos que a exaltação deste aspecto da identidade local, servirá apenas como porta de entrada para um projeto bem mais grandioso no campo do turismo étnico.

¹ O termo ‘resgate’ será usado tal qual os agentes que promovem essas ações utilizam, ou seja, no sentido de retomada de valores ditos como originais.

Quando o poder público do município encontra no termo Veneza uma oportunidade de resignificação, outro parâmetro se estabelece sobre a representação da etnicidade local. O ambiente que se constrói é de mera reprodução, ainda sim, legitimado por um discurso de 'regate' cultural, como fora um dia no centenário. Para isso, se faz necessário elucidar até que ponto as representações constituídas no presente, se fundamentaram, ou não, diante da etnicidade dos colonizadores. Pois, como quem veste uma máscara para esconder sua identidade, a cidade de Nova Veneza se entregou ao personagem de tal forma, que acabou por se tornar sua própria fantasia.

2 A CONSTRUÇÃO DO TRADICIONAL: OS PRIMEIROS CEM ANOS DE NOVA VENEZA - SC

2.1 ENTRE A COLONIZAÇÃO E A HISTORIOGRAFIA REGIONAL: UMA ANÁLISE ÉTNICO-IDENTITÁRIA

Durante o fim do século XIX e início do XX, um grande contingente de imigrantes europeus, em sua maioria, alemães e italianos foram arregimentados para projetos de colonização no estado de Santa Catarina. A nível nacional, segundo o IBGE, em meio a transição de Império para República no Brasil estima-se que entre 1870 e 1920 – período que representa a chamada *grande migração* – chegaram ao Brasil 3,3 milhões de pessoas vindas principalmente, da Europa. Entre estes, encontramos a porcentagem de 42% de italianos, o que representa 1,4 milhões destes imigrantes. (GOMES, 2007, p. 161)

A expansão destas imigrações pode ser mais bem compreendida se analisarmos alguns discursos da política brasileira no período. O primeiro ancorava-se na necessidade de alavancar a economia nacional, o que se resolveria incorporando estes imigrantes a produção agrícola e pecuária; o segundo elemento pode ser identificado no discurso da ‘política do branqueamento’. Neste contexto, os imigrantes europeus, em sua maioria de etnia italiana, representariam a mão de obra que se queria estabelecer, sendo legitimados por sua cor de pele caucasiana e suposto ‘capital cultural elevado’. Esta forma de pensamento é inerente a “ideologias eugenistas e racistas, sustentadas pela teoria do Darwinismo Social” (BOLSANELLO, 1996, p. 156).

O terceiro discurso é a necessidade de manutenção do território nacional, que em muitos locais encontrava-se vulnerável. Pois além de improdutivos economicamente, permaneciam ocupados em muitas partes pelos povos indígenas. Em Santa Catarina representados pelos grupos: Kaingang, Xokleng e Guarani, populações não consideradas cidadãs brasileiras.

Parte dos imigrantes europeus que chegaram ao Brasil, impulsionados pelas políticas de imigração, estabeleceram-se no estado catarinense. Levando em conta apenas italianos, entre 1875 e o início de 1900, aportaram no território um número aproximado de 30 mil. (PAGNOTA; ASSIS, 2017, p. 83.) Estes foram enviados para a área intermediária do estado, entre o litoral e o planalto. Até então Santa Catarina

concentrava suas atividades econômicas quase que exclusivamente em sua parte litorânea, dominada pelos portugueses durante o século XVI.

Diante destes processos migratórios, vamos destacar a atual cidade de Nova Veneza, situada no sul de Santa Catarina e de predominante colonização italiana. Considerada “[...] a primeira colônia do Brasil República” (BORTOLOTTI, 1991, p.1). Além de representar a última colônia a se formar na região sul do estado.

O traslado dos imigrantes que se estabeleceram na colônia de Nova Veneza foi realizado por intermédio da Companhia Colonizadora Metropolitana, uma empresa privada em acordo com a União. Tendo como líder no projeto local a figura do engenheiro Miguel Napoli (na grafia em italiano, Michele Napoli). A empresa arcou com a responsabilidade de recrutar os imigrantes, realizar o transporte por meio de navios e preparar terreno para o princípio da colônia. Ficando também a cargo da Companhia, a abertura das primeiras estradas, a construção de galpões que abrigassem os que chegavam, assim como, a estruturação de alguns serviços da colônia, entre estes, escola e enfermaria. (BORTOLOTTI, 1991, p. 113)

Neste ponto, podemos observar a influência que a Companhia Metropolitana exerceu no princípio da Colônia de Nova Veneza, tendo nas mãos o poder de distribuição das terras e cumprindo o papel do estado perante os imigrantes. Em abril de 1891 as primeiras 400 famílias, em sua maioria, oriundas da região do Vêneto no nordeste da Itália, chegaram ao território catarinense, fundando a Colônia de Nova Veneza. Esta colônia possuía dimensões territoriais mais amplas que a atual cidade de Nova Veneza, abrangendo cerca de 30 mil hectares, parte deste território com o tempo foi incorporada a municípios vizinhos. Como podemos perceber no atual mapa de Nova Veneza²:

² A Colônia de Nova Veneza, originalmente abrangia o território dos atuais municípios de Siderópolis, Criciúma e Treviso.

Figura 1 - Mapa da AMREC



Fonte: Disponível em: <http://imprensanewsul.com.br/adr-criciúma-e-lider-em-convenios-assinados-em-santa-catarina/>

Estas famílias migravam por conta das péssimas condições de vida que assolavam o setor agrário da Itália recém-unificada, como cita o autor Zulmar H. Bortolotto:

A Itália ainda se recuperava das lutas internas que se estabeleceram no período da unificação, e isso, somado a outros fatores, como a instalação de mecanismos de produção, ditos capitalistas, no campo, fez com que grande número de famílias se encontrassem desempregadas, empobrecidas, sem terra e sem ter pra onde ir. (1991, p. 02)

A unificação da Itália é um elemento crucial para analisarmos a identidade étnica dos colonizadores em Nova Veneza. Estes falavam apenas em dialeto local, assumindo características culturais mais regionais que propriamente um pertencimento a nação italiana.

De forma mais específica, a etnicidade da grande maioria dos imigrantes que vieram a ocupar a Colônia de Nova Veneza encontra-se quase que exclusivamente direcionada a vida no campo. Pois preponderantemente, estes são apresentados pela historiografia local, como pequenos proprietários que passavam por crise em seu território de origem. Neste sentido, por meio dos processos migratórios direcionados ao Brasil, encontraram uma alternativa de melhores condições de vida.

Segundo retrata Bortolotto em seu livro “História de Nova Veneza”, essas pessoas humildes moravam em péssimas condições e trajavam indumentárias “grosseiras”, caracterizadas por “toscos tamancos, xales e capotes de lã”. (1991, p.11) Se por um lado os relatos que nos são apresentados parecem coerentes com

a situação de carência social na qual estes agentes históricos estavam inseridos, por outro, devemos nos ater em como estes discursos não representam uma narrativa ingênua.

A obra de Bortolotto em questão, surgiu como uma homenagem aos ‘pioneiros’, nas comemorações do centenário de Colonização em Nova Veneza. Por se tratar de uma narrativa tradicional, existe sempre a clara intenção de positivar os personagens e o tempo histórico que se retrata. Portanto, mesmo demonstrando um discurso que à primeira vista pareceria negativo sobre a figura dos colonos, existe a clara intenção de perpetuá-los como símbolos de superação a caminho do progresso.

Com semelhante propósito, grande parte da historiografia tradicional direcionada a estas ocupações europeias no sul do Brasil, busca descrever e caracterizar ‘o imigrante’. De forma preponderante, encontram-se obras carregadas pela clara intenção de perpetuar a figura heróica do colonizador. Objetivando-se assim, legitimar a ideia destes agentes como detentores do progresso cultural e econômico brasileiro, ‘mesmo diante das adversidades’. Estas adversidades inclusive são utilizadas como aspecto fundamental, pois constroem o mito fundador através da exaltação do martírio.

Ironicamente em uma destas produções Quinto Baldessar, em obra memorialista intitulada “Imigrante: Sua História, Costumes e Tradições”, nos demonstra que os colonizadores foram privilegiados desde o princípio, afinal:

Desde que tivesse completados 18 anos, seria contemplado com os direitos que a lei lhe garantia, inclusive um lote de terras da lei. O prazo de pagamento lhe parecia fácil: seis anos com um de carência mais 7%. (BALDESSAR, 2005, p. 31)

Podemos perceber que foi assegurado à estes agentes o direito de possuir a terra, através de pagamento posterior à ocupação e com juros baixos. Sendo que tal privilégio, dificilmente lhes caberia se estivessem vinculados ao capitalismo industrial que iniciava seu desenvolvimento no norte italiano. Prerrogativa esta que se expande se levarmos em consideração a grande parte da população brasileira, que nunca tivera semelhante oportunidade.

Além destes benefícios, os imigrantes que se estabeleceram na Colônia de Nova Veneza, ainda contaram com outros privilégios. Como consequência de todo o

processo de dominação do território, ter sido subsidiado por intermédio de uma empresa privada, no caso a Companhia Colonizadora Metropolitana, as condições de vida eram superiores à realidade apresentada nas colônias públicas, em que "os colonos ficavam abandonados à própria sorte" (SELAU, 2006, p. 98). Tais fatores viriam a contribuir para a ascensão econômica de várias famílias por todo o sul do estado.

Após a chegada e a divisão das terras, começou a ocorrer o assentamento destas famílias. Constituído o primeiro passo, o maior e mais marcante obstáculo destes imigrantes no trajeto do progresso econômico se encontra na presença do indígena. A indiferença inicial por parte dos colonizadores em relação aos bugres, como eram chamados os Xokleng, se converteu na quase extinção destes povos. Os colonos julgavam os índios como selvagens, e ao desumanizar este grupo, séries de atrocidades acabaram sendo legitimadas (SELAU, 2010, p. 141). O confronto foi eminente, pois os grupos nativos não tinham conhecimento da noção de propriedade privada, nem tampouco os colonizadores tiveram o discernimento de encontrar outra solução senão em forma de violência.

O processo migratório nesta colônia irá praticamente terminar em 1895. Antes disso, em 1893 se constrói a primeira capela em madeira, necessidade primordial para uma das características mais marcantes na identidade deste grupo de imigrantes, o catolicismo romano. A partir de 1895, começou a se realizar a festa anual em honra a São Marcos, padroeiro até os dias de hoje da paróquia central, no atual Município de Nova Veneza. (BALDESSAR, 2005, p. 259) A escolha por este patrono, provavelmente se deu em alusão ao santo padroeiro da cidade de Veneza na Itália.

É interessante ressaltar que a relação entre os colonizadores de Nova Veneza e a cidade de Veneza na Itália, começa a ser construída desde os primeiros anos da colônia. Embora os responsáveis pela colonização deste território, como já foi explicitado, não derivassem da capital. O próprio nome dado a colônia faz alusão a capital do Vêneto, que é Veneza³.

³ Este tipo de discurso também aparece nas cidades vizinhas como é o caso de Nova Belluno, antes pertencente à Colônia de Nova Veneza e atualmente, município de Siderópolis. Assim como Treviso, que também pertencia a Colônia de Nova Veneza e mesmo como município emancipado, ainda segue com nome em referência a uma cidade italiana.

Em um curto espaço de tempo, a cidade foi se moldando como um reflexo da etnia de seus colonizadores. A educação formal, no entanto, passou despercebida neste processo de integração da cultura italiana, pois, segundo Pereira:

[...]o governo italiano esqueceu-se de suas colônias, e o seu sistema escolar do norte e sul catarinense foi a princípio inexistente. Apesar das solicitações feitas pelos colonos, nem o governo italiano e tampouco o brasileiro se sensibilizaram com a questão. (PEREIRA, 2004, p. 75)

Sem amparo nem do governo italiano, nem do brasileiro, tampouco da Companhia Metropolitana, restou a população intervir. A escola particular que se estabeleceu no centro da colônia, com aulas em dialeto, acabou sendo inacessível para grande parte da população que residia no interior da colônia, entre outros fatores, por conta da distância e dificuldade de locomoção. Apenas entre as décadas de 1910/20 que se formaram instituições de ensino mais bem estruturadas, ainda assim, carregadas pelo dialeto italiano (BORTOLOTTI, 1991, p. 108).

Os imigrantes que de princípio representaram uma solução para o crescimento econômico do país, inclusive legitimados por sua etnia, com o tempo passaram a estabelecer um universo próprio dentro dos limites da colônia. Principalmente, nas regiões interioranas onde pouco se ouvia a língua portuguesa.

Neste sentido, a identidade local permanece 'fechada' durante as primeiras décadas da Colônia de Nova Veneza. A etnicidade dos imigrantes que a colonizaram em 1891, continuou a predominar em seus descendentes.⁴ Entretanto, esta predominância cultural europeia implicaria em sérios problemas após o golpe de Getúlio Vargas e a instauração do Estado Novo (1937-1945).

Durante o Estado Novo se inicia o maior projeto de nacionalização da história brasileira, que atinge contundentemente as colônias europeias no estado, pois entre outros fatores, as línguas estrangeiras entram na ilegalidade. O objetivo se tornara enquadrar todos, dentro do limite territorial nacional, à se identificarem como brasileiros, utilizando assim a língua vernácula do país - o português - como instrumento para esta mudança. Paulatinamente, se formou um ambiente no qual o estrangeiro foi posto cada vez mais como o outro, que precisava se adaptar aos

⁴ Ainda assim, não devemos generalizar, pois algumas destas famílias de imigrantes conseguiram estabelecer redes de comercialização com outras colônias e, até mesmo com outros estados, como foi o caso da família Bortoluzzi no centro da Colônia.

hábitos e valores da unidade nacional. Neste sentido, como nos demonstra Zygmunt Bauman:

A identidade nacional, permita-me acrescentar, nunca foi como as outras identidades. Diferentemente delas, que não exigiam adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, a identidade nacional não conhecia competidores, muito menos opositores [...] a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre "nós" e "eles". (BAUMAN, 2005, p. 28)

No Brasil deste contexto, em que a população em geral não se identificava como sujeito brasileiro, dado as dimensões continentais do país e as características regionais, seria difícil a luta para o governo, quando não impossível, moldar sua população de grande diversidade étnico-cultural a enquadrar-se dentro de um pertencimento étnico homogêneo.

No discurso do interventor do estado de Santa Catarina, Nereu Ramos, fica explícita a união entre as esferas do poder Executivo contra a desintegração nacional:

Tratava-se então de um "problema" que os Estados não poderiam resolver sem o auxílio da União, e, pelo discurso feito em Blumenau (28/5/1938), o Interventor Nereu Ramos estava ciente disso: "O Estado Novo é uma energia em procura permanente do bem estar coletivo e da prosperidade material e moral da Nação. Aos governantes pôs-lhes nas mãos, sem desrespeito às tradições brasileiras, os instrumentos de ação indispensáveis à reconstrução nacional".⁴ (NEREU RAMOS, 1938, p. 11 apud PEREIRA, 2004, p. 151).

Em suas palavras se expõem os laços que Vargas construiu para a concretização de seu projeto de nacionalização, o interventor estadual demonstra o alinhamento entre as esferas do executivo, que juntos praticaram várias medidas impositivas para a manutenção do processo de nacionalização nas antigas colônias europeias do estado.

O Estado Novo estabeleceu repressão sobre qualquer tipo de manifestação identitária dos grupos de descendência étnica europeia no sul do estado. Neste período, Nova Veneza encontrava-se integrada ao município de Criciúma, o que durou de 1925 até 1958. Segundo o Relatório do Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas em 1938, na escola do então distrito de Nova Veneza, em um todo de 121 alunos, 110 falavam a língua italiana e 09 ainda compreendiam (PEREIRA, 2004, p. 160). Com estes dados, é possível constatar dois aspectos importantes, o

primeiro é o fato de que a escola da localidade estava sendo fiscalizada, o que demonstrava a preocupação do governo em relação a Nova Veneza. O segundo aspecto encontra-se no altíssimo índice de crianças que ainda falavam a língua italiana, em uma grande demonstração de que no período, o pertencimento étnico europeu permanecia vinculado com a cultura de seus ascendentes.

Com o princípio da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), se intensificaram ainda mais as ações em relação ao projeto de nacionalização no Estado. Sendo que a partir de então, passaram a ser legitimadas como uma luta contra o Nazismo alemão e o Fascismo italiano em terras brasileiras. Neste sentido, constatamos o aumento da repressão em Nova Veneza, ao analisarmos depoimentos de habitantes da região. Uma demonstração disto, encontra-se em entrevista realizada por Pagnotta e Assis com uma senhora apelidada na entrevista de “D”:

A minha geração, que tem 50 anos hoje, não tinha essa relação com a Itália, não sabia da onde tinha vindo. Quando a gente cresceu é que a gente começou a pesquisar, porque os nossos pais foram proibidos. A tia Madalena, 80 anos, ela diz que na época de Getúlio tiveram que queimar tudo. A tia Virgínia, do Turvo, tem 98 anos e ela só fala em dialeto. Na época de Getúlio, foram tudo preso, porque falavam o dialeto italiano.⁵

Apenas com este testemunho, é possível apurar, dois importantes elementos para a melhor compreensão do que este período representou nesta população. Em primeiro lugar, identifica-se a profunda perseguição a estes grupos em detrimento de suas identidades étnicas, isto se apresenta na forma do medo, da destruição de qualquer artefato ligado a suas origens, e a própria reclusão. Em um segundo momento é possível notar a força com que estes eventos causaram uma *memória traumática* nestes grupos.

Michael Pollak nos dá margem a associar esta realidade com a dos povos que passam pela experiência da guerra, estes no esforço de esconderem memórias dolorosas, que aqui, são representadas pela própria identidade étnica, acabam por gerar um silenciamento que apenas é quebrado a posteriori em momentos no qual se faz necessário seu ressurgimento perante a sociedade. A falta de demonstrações públicas reflete a esfera privada. O silenciamento torna-se problemático, e

⁵Entrevista realizada por Pagnotta e Assis, com a “D.” dia 27 jul. 2001, Criciúma. 2ª geração de descendente de imigrante italiano, 55 anos, professora. (2017, p. 94)

perpetuar-se as vezes por gerações, até que as tradições se percam, restando como última saída, a invenção de novas. (POLLAK, 1989, p. 6)

2.2 CENTENÁRIO DE COLONIZAÇÃO: O RESSURGIMENTO DA ITALIANIDADE

A identidade dos descendentes de imigrantes italianos que fora reprimida durante a década de 1930/40 e ofuscada desde então, passou por uma enorme resignificação a partir do ano de 1975, quando se comemora o Centenário de Migração Italiana para o Brasil. Esta data marcou o princípio de um grande movimento de 'resgate' da italianidade, em especial, na região sul e sudeste do Brasil, por estas concentrarem um maior número de municípios de histórica ocupação étnica por parte destes grupos.

Nota-se em meio ao processo de redemocratização política do Brasil, que se inicia um grande esforço por parte dos grupos de descendência europeia em busca de uma nova forma de expor sua identidade, tendo como principal palco, as festas étnicas:

[...] a partir da década de 1980, com as várias festas étnicas que começam a se realizar no estado, ocorre um processo de revalorização dos pertencimentos de origem e uma busca por sabores, narrativas e memórias da imigração. (PAGNOTTA; ASSIS, 2017, p. 2)

Neste cenário, não apenas cidades de histórica ocupação italiana visaram fortalecer sua representação étnica, antigas colônias de poloneses, alemães e portugueses, também passaram a incorporar o circuito de festas étnicas em Santa Catarina. Com destaque neste período para a criação da *Oktoberfest*, evento realizado a partir de 1984 no município de Blumenau, sendo considerada a primeira festa étnica do estado. (PAGNOTTA; ASSIS, 2017, p. 96) Utilizando-se da cerveja como principal atrativo, o evento é realizado de forma anual, em referência ao festival da cerveja que ocorre na região da Baviera, na Alemanha.

Podemos evidenciar a inédita preocupação do próprio governo de Santa Catarina em relação à preservação da cultura material das ocupações europeias no estado, em um projeto que buscou firmar estes agentes como detentores da história 'tradicional' catarinense. O que se expressa na forma de uma maior atenção em relação a preservação do patrimônio cultural destes grupos:

No Estado de Santa Catarina, o projeto Correntes Migratórias, realizado pela Fundação Catarinense de Cultura, no início da década de 80, promoveu o registro de edificações de importância no contexto das diversas etnias que compõem o panorama cultural catarinense, com ênfase na açoriana, alemã, italiana e polonesa. O Inventário foi iniciado em seis municípios do estado: Laguna, Joinville, São Bento do Sul, São Francisco do Sul, Urussanga e Nova Veneza e se tornou um importante instrumento para o reconhecimento das características do patrimônio catarinense. (Fundação Catarinense de Cultura, 2008, p.24 apud GONÇALVES, 2012, p.3)

Neste ponto, destaca-se a presença de Nova Veneza entre as cidades contempladas, assim como Urussanga, município vizinho de semelhante ocupação italiana no fim do século XIX. Mesmo que pela primeira vez na história do estado tenha se dado maior ênfase em relação aos bens relacionados ao patrimônio cultural destes grupos étnicos, é importante percebermos a ausência de outros agentes históricos que ficaram excluídos nesse processo de 'redemocratização'. Diante deste novo pensamento de 'o que se deve preservar', toda a riqueza étnica de grupos indígenas e africanos, perpetuaram-se à margem do olhar eurocêntrico no cenário cultural catarinense.

Entretanto, as principais ações que trarão à tona os símbolos de ressignificação pública dos grupos étnico italianos no estado, serão as festividades. Tendo como propulsor o centenário de colonização dos municípios, estas festas buscaram de princípio o 'resgate' do pertencimento identitário das novas gerações, visando atingir um grupo que Silvio Antônio Colognese analisa como "quarta coletividade geracional":

A quarta coletividade geracional no grupo étnico dos descendentes de italianos é representada pelas pessoas nascidas aproximadamente a partir da década de 1980 no meio urbano das cidades e que não tiveram contato com famílias e comunidades típicas de descendentes de italianos. Foram socializados em ambientes heterogêneos em termos étnicos, não conhecem o dialeto, a culinária, os cantos e a trajetória das gerações anteriores dos representantes do grupo étnico. Por este motivo não são portadores de um sentimento de pertencimento étnico e não manifestam interesse pela identidade étnica específica. Os movimentos de italianidade e efervescência étnica visam atingir esta coletividade geracional, a fim de resgatar os seus vínculos étnicos (2011, p. 145).

Para enquadrar esta geração dentro de um pertencimento ligado a italianidade de seus antepassados, foram utilizados símbolos da identidade que se queria construir. Considerando que o conceito de italianidade se refere a identidade assumida por italianos e seus descendentes, "esta, assim como qualquer forma de

identidade deve ser trabalhada como uma construção social, portanto não estática” (OTTO, 2006, p. 85). Se tornando a partir de então, passível de transformações, assim como a representação de seus agentes.

A italianidade neste caso é construída com o protagonismo do *colono* como aporte identitário, dentre os símbolos utilizados para enaltecer essas figuras, os mais repetidamente assimilados remetem: a fervorosa religiosidade católica; a ênfase na família tradicional, regida pelo sistema patriarcal; e o trabalho como elemento primordial da ética do colonizador (COLOGNESE, 2011, p. 144).

Estas características irão ditar as comemorações de diversas cidades, em um movimento, voluntário ou involuntariamente, em prol da legitimação do mito fundador embasado por aspectos morais. Por todo o estado, municípios passaram a utilizar estes símbolos como motriz de festas em comemoração ao centenário de suas respectivas colonizações. O sucesso inicial destes marcos de resignificação das identidades italianas levará à ocorrência de festas anuais direcionadas a cultura de seus colonizadores.

É importante ressaltar, que até o centenário o simbolismo envolvendo o imigrante, apresentava-se de forma bem distinta dos discursos assimilados a partir de então. Por exemplo, durante o crescimento da atividade carbonífera no sul do estado, os olhares se voltaram para a modernização dos meios de produção, portanto durante grande parte do século XX, a representação do termo colono, assumiram características pejorativas.

Com a urbanização da região sul catarinense, “a cidade se tornou o lugar por excelência da cultura, em oposição ao campo, lugar da natureza” (NASCIMENTO, 2006, p. 76). Este estigma só será rompido por meio das movimentações em prol do centenário. Em um exercício sempre desequilibrado, entre momentos transitórios de exaltação exacerbada e exclusão descomunal.

Em Nova Veneza, o centenário é comemorado em 1991, seguindo os passos das demais cidades do estado, o foco central se fundamentou nos mesmos símbolos do restante dos municípios. Dezenas de desfiles e homenagens em reverência à Itália e os imigrantes que ocuparam o território no século XIX conduziram os festejos que duraram nove dias. Conforme o memorialista Baldessar, ao narrar estas comemorações:

Houve os mais diversificados desfiles, desde máquinas agrícolas e carros alegóricos, até os Jardins da Infância, foram as representações históricas do

passado e o trabalho do presente, houve os desfiles escolares, os corais, os grupos folclóricos, inauguração de placas, monumentos históricos para marcar o acontecimento, as sessões solenes, as cerimônias religiosas, as barracas típicas, as comidas e bebidas típicas, a presença da indústria local, as fotos históricas, a Rainha do Centenário com suas princesas, Miss Nova Veneza, os visitantes. As Autoridades, também dos municípios vizinhos e Governador do estado se fizeram presentes (BALDESSAR, 1991, p.271)

É possível observar a presença dos símbolos que conduziram os discursos do evento, entre estes, verificam-se as demonstrações de religiosidade católica e o trabalhador do campo. Sendo este segundo elemento apresentado de forma interessante, pois ao criar esta aproximação entre o agricultor do tempo presente e o colonizador como um trabalhador também ligado a terra, se cria uma imagem de continuidade, cristalizando as relações de pertencimento em um movimento atemporal. Podemos ainda destacar um terceiro elemento, característico da etnia italiana e preponderante para os caminhos que Nova Veneza viria a trilhar, a gastronomia como ponto forte na identidade local.

É pertinente analisar que além da festividade em si, houve a busca pela continuidade do pertencimento evocado no evento, o que se expõe ao refletirmos sobre os monumentos e locais de memória inaugurados neste contexto. Aberto em 1991, o Museu do Imigrante padre Cônego Miguel Giacca, que recebeu este nome em homenagem ao primeiro pároco de Nova Veneza, apresenta-se como um destes exemplos:

Figura 2 - Museu do Imigrante Cônego Miguel Giacca.



Fonte: Foto de Anderson Machado. Disponível em: <http://turismo.novaveneza.sc.gov.br/item/detalhe/9920>

Figura 3 - Interior do Museu.



Fonte: Foto de Dilton Pacheco. Disponível em: <http://turismo.novaveneza.sc.gov.br/item/detalhe/9920>

Localizado ao lado da igreja matriz de São Marcos, o museu conta com diversas peças pertencentes aos colonizadores e seus descendentes. Ao visitarmos o local, fica explícita a exposição de diversos objetos aleatórios, que constituíram o cotidiano do município ao longo de sua história. Sendo eles: talheres, telefones, rádios e objetos católicos antigos. Como podemos ver na Figura 3, em maior destaque são apresentadas as ferramentas utilizadas no trabalho, elemento primordial para o 'resgate' que se buscou diante do centenário:

São diversos serrotes, machadinhos, picareta, chave inglesa, plaina, inchada, furador, trado, esquadro entre outros. Chama a atenção o número de ferramentas que se encontram, e a maneira que elas estão expostas. Provavelmente se orgulham muito delas, pois foi através de muitas das que estão ali que os imigrantes conseguiram "dominar a natureza" construindo suas casas, plantações e alcançaram o progresso. (BIF, 2009, p.36)

Em resumo, o museu representa a materialização do mito fundador, pondo os colonizadores como peças chave e protagonistas da história local. Ao percebermos a presença das armas expostas no museu, ainda podemos observar a dominação exercida pelo imigrante italiano sobre o grupo Xokleng que habitavam o território antes da colonização, (BIF, 2009, p.36) sendo que isto não se deu em nenhuma

maneira de forma pacífica e que, no entanto, parece ser apresentado como motivo de orgulho.

Outro importante símbolo construído em 1991 em meio as comemorações do centenário para reforçar a figura do colonizador é a roda d'água instalada na praça central Humberto Bortoluzzi:

Figura 4 - Roda d'água em frente à Gôndola Lucille



Foto do autor. Data: 11 de setembro de 2017

Neste monumento (Figura 4) se evidencia, em especial, a cristalização do sobrenome de todas as famílias de imigrantes que fizeram parte da colonização de Nova Veneza, enfatizando a figura destes agentes, com a frase “Ao triunfo dos pioneiros”. O que determina o tom problemático da estrutura, apresentando essas famílias como genitores do município que veio a se formar. Localizada em um espaço privilegiado, entre a prefeitura municipal e a praça central Humberto Bortoluzzi. O monumento é formado por uma roda d'água, que representa mais uma vez o trabalho e o ideal de progresso, então assumidos como caracteres a serem enaltecidos pelos descendentes de imigrantes a partir das festividades em comemoração ao centenário.

A promoção e incentivo de atividades culturais ligadas a etnia italiana também aparecem como mecanismos em prol do ‘resgate’ que se buscou perante as novas gerações e partindo delas. Por meio de entrevista realizada com a atual Secretária de Cultura, Esporte e Turismo da cidade de Nova Veneza, observa-se que o

centenário representou um marco para a construção desta nova italianidade, na ótica de Susan Bortoluzzi:

Com a festa e o advento do centenário, que foi a maior festa pra época, que foi o centenário. Tudo se voltou, se trabalhou um ano e meio antes, tudo se voltou pra dentro da raiz da cultura italiana. Então aí, foi implantado as aulas de italiano, o grupo folclórico ítalo brasileiro surgiu no Centenário, os corais que cantam em italiano, tudo surgiu ou se fortaleceu no Centenário. Então depois do Centenário, começou com estas festas mais voltadas para a colonização, o enfoque era a colonização. (BORTOLUZZI, 11/09/2017)

Em suas palavras podemos perceber que a construção do discurso étnico a ser assumido pela cidade é decorrente de um processo pensado e formulado em momento anterior à própria festa, servindo o evento em si, como a justificativa de um planejamento já articulado. Quando observamos o incentivo às atividades culturais vinculadas a origem étnica dos imigrantes, como à criação de grupos de dança como o Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro e o incentivo à grupos de canto já existentes, por exemplo, o Coral Peregrinos da Montanha, constata-se o ‘resgate’ em longo prazo de uma identidade específica à qual se pretendeu buscar adesão.

A implementação da língua italiana como disciplina nas escolas municipais, demonstra que a intervenção do poder público municipal é tamanha a ponto de chegar à área da educação formal, o que demonstra a construção de uma nova tradição, como se o tempo tivesse parado entre a colonização e o centenário em Nova Veneza. Segundo Ecléa Bosi, “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1994, p. 55). Partindo deste princípio, a readequação de costumes na esfera do presente, nos direcionara à readequação de lembranças, sendo estas de suma importância na construção de uma nova identidade.

A própria tradição em que determinado grupo se ancora, é movida por estas lembranças, ao direcionarem o sujeito em prol de um pertencimento identitário já enfraquecido ou que nem o integrava mais. Tendo a prévia consciência de que nenhuma tradição é completamente inventada, sendo que esta necessita de um passado, por mais distante que seja, para espelhar-se, é interessante fazermos uma analogia com o que Eric Hobsbawm intitulou “invenção das tradições”:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de

natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p. 10)

Estas tradições inventadas como forma de ‘resgatar’ a italianidade partem da esfera pública para a esfera privada, se apropriando de antigos símbolos para realocá-los de forma anacrônica em uma realidade contemporânea. A etnia italiana como aspecto preponderante no município é algo inquestionável, sendo que no ano do seu centenário de colonização o índice de moradores de descendência italiana ultrapassava os 90% da população de Nova Veneza⁶.

O que viria a ser questionável era a forma como se implementava esta nova noção de pertencimento coletivo, dentro desta análise será observado que esta ‘reconstrução’ assumirá tamanha força que irá conduzir a crescente incorporação de novos símbolos identitários ao município de Nova Veneza, movimento que ganhara impulso no início do século XXI. Com a descoberta desta possível maleabilidade étnica, o poder público e as elites locais, buscaram transformar isso em produto, sendo que quando isso ocorreu, seu principal objetivo não se encontrara mais na busca pelo pertencimento de sua população, mas sim, pela satisfação do mercado consumidor, neste caso, o mercado do turismo étnico.

⁶ O que podemos perceber, pois no Senso do IBGE de 2011, 95% da população representava descendência italiana. Sendo perfeitamente possível assegurar que em 1991, os números tendem a ser ainda mais significativos neste sentido.

3. AS TRANSFORMAÇÕES NO SÉCULO XXI: O CABIDEIRO DE ETNICIDADES

As ações em prol do ‘resgate’ da italianidade local em meio ao centenário, abriram caminho para a realização da *Festa em Comemoração a Colonização e Emancipação Política* da cidade, evento que ocorreu na região central do município entre 1992 e 2003. Este festejo passou a ocorrer de forma anual, no mês de junho, por volta do dia 21, data em que é comemorado o aniversário de Nova Veneza.

A consagração das comemorações de junho, quanto um costume permanente na cidade, reforça o impacto que a ‘invenção das tradições’ surtiu sobre a população local em Nova Veneza. Inúmeros elementos utilizados nas celebrações do centenário de 1991 continuaram a ser explorados como símbolos na representação pública da identidade étnica do município. Tendo como parâmetro a festa de 2003, podemos destacar alguns dos símbolos desta identidade, por meio do panfleto de divulgação do evento:

Figura 5 - Cartaz de divulgação da Festa de comemoração a colonização e emancipação de 2003.



Fonte: Disponível em Arquivo da Secretaria de Cultura de Nova Veneza. Foto do autor. Data: 11 de setembro de 2017

Quando são analisados os dados visuais que nos apresentam, é possível notar alguns dos discursos do evento. Nas fotografias localizadas nas laterais do

documento em questão (Figura 5), aparecem muitos dos monumentos em reverência aos colonizadores, em uma clara referência a perpetuação de um discurso mitológico e positivado sobre a figura destes agentes históricos⁷. Outros elementos expressam representações da religiosidade local⁸, assim como, a participação do Grupo Folclórico Ítalo Brasileiro, o que demonstra a efetivação das políticas de incentivo a etnização da identidade local, por meio da presença de um grupo de dança lançado durante o centenário. Por último, observa-se um elemento que muito influenciará a representação pública do município, principalmente de 2003 em diante, a questão gastronômica. Que neste momento, ainda aparece timidamente, em um recorte em que o que mais chama atenção é o garrafão de vinho.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, um aspecto primordial para melhor compreendermos o conceito de identidade, encontra-se na importância da diferenciação destas diversas identidades:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. (SILVA, 2000, p. 81)

A busca pela diferenciação identitária é aspecto primordial quando se trabalha com cidades e suas festas étnicas. Em síntese, a identidade se trata de um aspecto individualizante desde seu princípio, sem a diferença não existem identidades, nem tão pouco etnias. Estas divisas entre o *eu* e o *outro*, formam espaços de poder, pois quando pautado na diferenciação, o indivíduo – que neste caso, é uma cidade – visa à hegemonia local de características abstraídas como apropriadamente suas. Neste sentido, “a identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p. 9).

Durante seu centenário, o município procurou visibilidade positiva, sobre o aporte histórico da etnia italiana preponderante no município. Naquele contexto,

⁷ O Monumento ao Imigrante Italiano, localizado na entrada do município; A roda d'água, localizada na praça central Humberto Bortoluzzi; O Museu do Imigrante Padre Cônego Miguel Giacca, ao lado da igreja da Igreja Matriz; As Casas de Pedra no distrito do Caravaggio destacam-se entre outras duas casas coloniais.

⁸ A representação de um estágio da Via Crucis; O Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio, no distrito de Caravaggio e a Igreja Matriz de São Marcos, localizada no centro de Nova Veneza.

legitimando-se por meio da reconstrução de uma identidade local, reforçou-se, através de políticas públicas, a diferenciação dos descendentes de italianos, em relação aos demais brasileiros.

Com a chegada do século XXI, no desenrolar do processo que se iniciou nas comemorações do centenário, o objetivo no município se ressignifica. Visando a partir de então, firmar a diferenciação identitária entre os moradores de Nova Veneza, frente às demais cidades de descendentes italianos na região sul catarinense.

Na cidade de Urussanga, vizinha de Nova Veneza, desde 1984 passou a ser realizada a *Festa do Vinho* e a partir de 1992, o *Ritorno alle Origini*. Neste caso, é interessante observar, que para além de todo o discurso hegemônico enaltecido pela figura do colonizador italiano, do catolicismo e da gastronomia típica, o município estabeleceu um diferencial em sua representação identitária diante do público dos festejos, sendo este, a exaltação da produção local de vinhos. Assim, desde a década de 1980, utilizando-se do circuito de festas étnicas, difundiu sua imagem como *Terra do Bom Vinho* (TOMASI, 2012, p. 44).

Em Nova Veneza, o processo de diferenciação pública da identidade local por meio do setor gastronômico, tomará maior fôlego, apenas no final do ano de 2003. De forma mais específica, no dia 16 de dezembro do ano em questão, quando é aprovado o projeto de lei 15.670/11 (Art. 1º) – (DO. 19.236 de 19/12/11), proposto pelo então Deputado Estadual Ronaldo Benedet. No qual, Nova Veneza ganha o título e passa a ser considerada *Capital Catarinense da Gastronomia Típica Italiana* (JUSBRASIL, 2011).

Aproveitando-se da crescente demanda de turistas que passaram a procurar os restaurantes de Nova Veneza, entre outros fatores, em decorrência da repercussão das festas em honra a colonização e emancipação na região, o poder público municipal procurou por meio de políticas estaduais, enfatizar a gastronomia 'típica italiana' como marcador da diferenciação identitária do município. Entre outros pratos, "a polenta, a galinha ensopada e a fortaia"⁹, passaram a ser postos como elementos representantes da identidade cultural na cidade.

⁹ Sendo estes pratos de destaque, segundo as palavras do prefeito de nova veneza, Evandro Gava (2013 – 2016). Em realizada para o episódio: nova veneza, um pedaço da itália no brasil - sem fronteiras. Do canal de Youtube, "SC sem fronteiras", publicado em 28/12/2013.

Em 2004, durante a divulgação da festa em comemoração ao aniversário do município, já podemos perceber que o título recebido começou a influenciar os discursos do festejo. O que pode ser exemplificado, por meio de dois caricatos personagens que passaram a incorporar a divulgação do evento:

Figura 6 - Panfleto de divulgação da Festa de comemoração a colonização e emancipação de 2004.



Fonte: Disponível no Arquivo da Secretaria de Cultura de Nova Veneza. Foto do autor. Data: 11 de setembro de 2017

Com a denominação de *Minestrina e Polentino*, em referência a dois pratos tradicionalmente servidos no festejo, estes personagens passaram a ser apresentados como os principais símbolos da festa de Nova Veneza. Ao analisarmos as vestimentas utilizadas por estes personagens, nota-se a tentativa de se estabelecer conexão direta entre a culinária e o imaginário construído sobre os imigrantes italianos que colonizaram o município em 1891. O que estabelece uma ponte de continuidade discursiva em relação aos eventos anteriores, ao mesmo tempo, em que demonstra o novo caráter da representação pública que a identidade étnica local viria a seguir dali por diante.

Os jornais da região sul do estado, explicitam que o evento cresceu de forma considerável de um ano para o outro. Além do recente título de *Capital Catarinense da Gastronomia Típica Italiana*, a utilização de atrações musicais de cunho nacional, contribuiu para o crescimento de público no evento. Conforme a edição do Jornal da

Manhã, lançada no dia 21 de junho de 2004, “a comissão organizadora estimava que o público houvesse dobrado em relação a 2003, atingindo a marca de 15 mil participantes no evento” (JORNAL DA MANHÃ, s.a, s.p).

Ao acompanharmos o ritmo das transformações simbólicas apresentadas nas comemorações de 2004, devemos ter a noção de que “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (SILVA, 2000, p.81). As ações tomadas desde o centenário abriram caminho para mobilizar em longo prazo a utilização do discurso de italianidade por meio de políticas públicas. Sendo assim, o título de *Capital Catarinense da Gastronomia Típica Italiana*, não deve ser tratado como algo espasmódico¹⁰. Pois a conquista deste, certamente não partiu de um deputado que se encantou pela cidade, mas sim, devido a objetivos políticos traçados entre as esferas dos poderes municipal e estadual, além de interesses locais.

Desta forma, no ano de 2005, seguindo a modificação paulatina dos discursos, o nome do evento é substituído de *Festa em Comemoração a Colonização e Emancipação*, para, *Festa da Gastronomia Italiana de Nova Veneza*. Dois elementos são primordiais para compreendermos esta reconfiguração, sendo primeiro, o interesse em explorar o simbolismo carregado pelo título conquistado em 2003. E num segundo momento, de acordo com Susan Bortoluzzi, a ida do Grupo Folclórico Ítalo Brasileiro, do qual a entrevistada era coreógrafa, para a cidade de Nova Veneza do estado de Goiás, em 2004:

O grupo [Grupo Folclórico Ítalo Brasileiro] foi convidado para ir à festa da gastronomia italiana em Nova Veneza de Goiás [ano de 2004]. O grupo foi convidado pra ir lá dançar. Aqui, acontecia aquelas barracas, coisa bem de colonização, improvisado com lona, cada um fazia de um jeito, aquela coisinha pequena. Quando agente foi pra lá, agente viu que era uma cidade, que tava aproveitando o fato de ser Nova Veneza, não copiando daqui mas porque tinha um nome, Nova Veneza. E uma entidade cultural fez a festa. [...]E no ano seguinte [em 2005], eu convenci o Géio [Rogério Frigo, prefeito de Nova Veneza- SC] a ir ver, a festa era em maio, ele foi ficou encantado com a estrutura e ai começou a mudança aqui.[...] ele viu que era necessário avançar. (BORTOLUZZI, 11/09/2017)

¹⁰Conceito de Edward Palmer Thompson, ao trabalhar com os motins da fome em Londres no século XVIII. O significado deriva do termo espasmos, algo que ocorre de forma involuntária, que é problematizado pelo autor na relação até então associada pela historiografia de que a fome gerava a violência. Para saber mais: THOMPSON, E. P. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In: Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. Das letras, 1998. Pgs. 150 – 202.

O *Festival da Gastronomia em Nova Veneza- GO*¹¹ é um evento que ocorre desde 2003 e serviu como parâmetro para primeira *Festa da Gastronomia* de Nova Veneza em Santa Catarina. Na fala da entrevistada, podemos perceber o discurso de progresso que direcionou a mudança de caráter do festejo. A transição para *Festa da Gastronomia* significou para o poder público municipal, a concretização de um discurso desenvolvimentista no campo do turismo étnico. O que pode ser evidenciado pelas comparações que Susan faz em relação à estrutura da festa nos anos anteriores, quando se utiliza de termos como “pequeno” e “improvisado”.

É possível analisar esta transfiguração da representação pública da identidade étnica em Nova Veneza, ao refletirmos acerca de um processo que Maria Catarina Zanini nos apresenta como etnização da cultura:

Quando me refiro a etnização da cultura, não estou pressupondo que a cultura seja algo residual ou acabado, mas sim que ela também é um processo, uma estrutura viva e dinâmica que bebe dos acontecimentos cotidianos da vida coletiva e individual. Etnicizar a cultura é a designação que dou para a instrumentalização da diferença que observo ser utilizado pelos descendentes para se auto valorizarem, seja enquanto grupo ou como pessoa individualmente [...] A etnização da cultura permite a fluidez e a visão de maleabilidade dada ao grupo étnico. (ZANINI, 2006, p. 202)

O sentido do termo *etnização da cultura* neste caso, será a forma com que as elites locais e o poder público municipal utilizam-se da crescente demanda de turistas, para instrumentalizar práticas gastronômicas culturalmente presentes em Nova Veneza ao longo de toda a sua história. Sendo pertinente ressaltar a importância de como a autora explicita que a *cultura não é algo residual*, quando partimos deste princípio, é latente perceber que a população de Nova Veneza já carregava uma vivência de mais de um século no Brasil. Neste sentido, não há uma ligação direta com a Itália, mas sim, uma construção identitária local, maturada ao longo das gerações para a criação de uma cultura gastronômica específica.

A *visão de maleabilidade* sobre a etnia que a autora retrata, é outro aspecto pertinente ao analisarmos o desenrolar das transformações em Nova Veneza de

¹¹Para maiores informações sobre o festival que acontece em Nova Veneza de Goiás verificar em: KÖHLER, Dilceli Trevizan; OLIVEIRA, Maria de Fátima. Festival Italiano: Gastronomia e cultura em Nova Veneza (GO). ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE. O cenário econômico nacional e os desafios profissionais – 29/08/16 a 03/09/2016. Pág. 1 - 10

2005 em diante. Segundo Poutignat e Streiff-Fernart ao trabalharmos com a etnicidade devemos nos ater ao seguinte aspecto.

A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram “cabides” nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

Ao perceberem o potencial do mercado étnico como forma de ascensão econômica, as elites e o poder municipal de Nova Veneza passaram a utilizar o 'cabide' do próprio termo “Veneza”. Em uma ‘reinvenção das tradições’ por parte do município, constrói-se um discurso identitário em que se entrelaçam a cultura gastronômica de Nova Veneza e a cidade de Veneza na Itália.

A primeira demonstração da utilização deste *cabide* se apresenta quando no dia 5 de outubro de 2006, chega à cidade a Gôndola Lucille:

Figura 7 - Chegada da Gôndola Lucille em 2006



Fonte: Disponível em: <http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2006/gondola-para-nova-veneza/>

Adquirida por meio de doação realizada pelo governo de Veneza na Itália, após anos de tratativas. A chegada da gôndola paralisou a pequena cidade do sul do catarinense. Na imagem se destacam as autoridades políticas locais¹², apresentando a ‘conquista’ para a população neoveneziana. Deste momento em

¹² Na imagem podemos destacar a figura do prefeito, o vice-prefeito, o secretário da cultura e dois vereadores do período.

diante, a gôndola se transformou em um dos maiores atrativos turístico da cidade, mudando significativamente a representação pública do município a partir de então.

A associação construída por Nova Veneza em relação à cidade de Veneza na Itália, no entanto, não se configura em uma contradição nova na representação identitária das colônias italianas do sul de Santa Catarina. A associação genérica entre os imigrantes que chegaram a esta região durante o século XIX, em relação a uma Itália grandiosa de onde estes personagens históricos provinham, já vinha sendo explorada pelo padre João Leonir Dall'Alba na década de 1970. O sacerdote inicia seu relato falando da situação dos imigrantes na zona rural do Vêneto antes da vinda para o Brasil:

Os nossos viviam pobres. Nem um burrico para ir buscar as quartas de milho lá em cima! Tudo nas costas. Em casa? A miséria. Um campo (meio hectare), dois campos, no máximo três por família. E que família! Mas poucos sobreviviam. Quem vivesse até os vinte anos, era a trisca (tuberculose). Só os de cerne escapavam. (DALL'ALBA, 1971, p. 128)

Duas páginas depois, o autor recorre as capitais das diferentes regiões do norte italiano, para embasar um discurso de superioridade cultural. Abordando de forma romântica, recordações cotidianas que segundo a historiografia, não faziam parte da rotina dos imigrantes que se estabeleceram na Colônia de Nova Veneza e região:

Trento, Veneza, Bérgamo, Pádua, Vicenza, Beluno, eram as capitais das províncias migratórias do século passado. Quanta recordação saudosa de seus templos e palácios, de suas praças e monumentos de arte! Quanta história, quanta tradição heroica, quanta fé! [...] E Roma! O Papa, o Imperador, o Bispo, as festas do Patrono, "Sagre", as cerimônias solenes de domingo à tarde. (DALL'ALBA, 1971, p. 128)

É com este mesmo propósito discursivo que Nova Veneza fundamentará o turismo étnico em representações da etnicidade de Veneza. Pautando-se no simples fato desta cidade representar a capital da província de onde vieram seus colonizadores. A falta de embasamento histórico, no entanto, não parece ser obstáculo para o progresso do turismo neste município, como veremos mais a diante.

Desde 2006, a gôndola Lucille esta alocada na praça central Humberto Bortoluzzi, em um lago artificial:

Figura 8 - Gôndola Lucille.



Fonte: Disponível em: <http://www.destaquedul.com.br/gondola-retorna-praca-central-de-nova-veneza/>

Localizada em um espaço privilegiado, o monumento representa um grande divisor de águas para o turismo em Nova Veneza. Atraindo visitantes de todas as partes, o que influenciou diretamente o setor gastronômico que se aproveitará desta clientela pujante para crescer mais do que nunca.

A partir da gôndola, as construções imagéticas em torno da italianidade no município, passaram a refletir uma reestruturação da paisagem urbana na região central da cidade. Nos arredores da praça, as casas remanescentes do período colonial, passaram a acolher restaurantes, boutiques de roupa e lojas de *suvenires*. Em um movimento crescente, todo o ambiente passou a ser montado em torno da gôndola para proporcionar aos visitantes a experiência de estarem em ‘um pedacinho da Itália no Brasil’, ampliando significativamente o número de turistas que passaram a figurar no cotidiano da cidade em busca de lazer. Em resumo, a parte central da cidade se tornou um grande mercado a céu aberto, cheio de prateleiras, onde o produto é a italianidade e o cliente é o turista.

Em um espaço menor que 6 km², dezenas de restaurantes foram criados ou ampliados com a chegada da Gôndola Lucille. Como podemos observar por meio do mapa produzido pela Associação Neoveneziana de Turismo – ANET, intitulado *Una Rota Gastronômica Che Vi Porterà a Itália*, na tradução “Um passeio gastronômico que o levará para a Itália”:

Figura 9 - Guia turístico Una Rota Gastronômica Che Vi Porterà a Itália.



Fonte: Foto do autor. Data: 12 de novembro de 2017.

É importante salientar, que ainda no ano de 2002, já se notava a ação do poder público municipal, no sentido de estruturar a cidade para o turismo, quando ocorreu um processo associado à higienização da pobreza no centro do município. Em prol do embelezamento urbano, cria-se o bairro Nossa Senhora de Lourdes, localidade onde foram realocadas famílias que se encontravam em situação de carência social, com residência próxima a praça central Humberto Bortoluzzi. Em seguida, essas moradias foram demolidas. Segundo o prefeito em exercício, a criação do bairro e a retirada das famílias daquele espaço, tornou a cidade melhor organizada (PROGRAMA LAR LEGAL, 2017).

Com isso, no ano de 2008 um novo elemento passou a representar o 'cabide' étnico assumido pelo poder público de Nova Veneza. Em meio à comemoração dos 50 anos de emancipação política do município, é introduzido o *Camavalle di Venezia* como evento integrado a *Festa da Gastronomia*. Sua inserção iniciou em 2007, quando a prefeitura realizou um Baile de Máscaras inspirado nas comemorações de Veneza, sendo que neste ano, fora direcionado exclusivamente para a terceira idade. De acordo com a Secretária de Cultura e Turismo, a repercussão gerada pela mídia local foi um dos principais fatores para a sua continuidade.

Aproveitando-se da ligação que se construirá dois anos antes entre o município e a cidade de Veneza, a partir da implementação da Gôndola, o evento foi tratado como a “descoberta de um pote de ouro”:

A secretaria de cultura e de turismo [a nível estadual], eles dizem pra mim, vocês acharam um potinho de ouro. Porque festa da gastronomia, festa do vinho, festa da polenta, festa do chope, tem em todos os lugares. Essa atração não tem do jeito que vocês fazem em lugar nenhum. Eu acho que é por isso que atrai tanto, e esse encanto por trás da máscara [...] Esse despertar atrás daquele, quem será que ta atrás da máscara? É muito bom. (BORTOLUZZI, 11/09/2017)

Nas palavras da secretária de cultura de Nova Veneza, percebe-se o seu entusiasmo em relação ao evento. Ao citar os outros tipos de festa, se constata mais uma vez, a importância dada pelo município, em relação à construção permanente de diferenciação identitária perante as festividades dos demais municípios da região.

Mais do que nunca, se instala a invenção das tradições na cidade, invenção esta, que se aprofunda numa perspectiva de passado ‘fictício’. Pois, quando os imigrantes italianos colonizaram Nova Veneza no fim do século XIX, o carnaval já havia sido proibido em Veneza há mais de um século.

No entanto, Poutignat e Streiff-Fenart, ao dialogar com a invenção das tradições de Hobsbawm, evidenciam que mesmo “que uma identidade étnica seja sempre de certo modo criada ou inventada, não implica por isso que seja inautêntica ou que os atores que a reivindicam possam ser taxados de má fé.” (HOBSBAWM; RANGER, 1986 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1997, pág. 165) No caso de Nova Veneza, a *Festa da Gastronomia* começou a crescer de forma significativa a partir do *Carnavalle di Venezia*, o que demonstra o sucesso na inserção do evento. Pois este teve desde início, o propósito de promover a cidade no campo do turismo étnico. Contraditoriamente, em 2004, Nova Veneza passou a realizar tratativas para estabelecer *gemellaggio* com a cidade de Malo, (Lei Nº 1.666 de 01 de Março de 2004) que se localiza na região do Vêneto italiano. Ao passo, que assume a cultura Veneziana como aporte étnico para o desenvolvimento turístico.

No cartaz de divulgação do evento em 2008, o novo símbolo já aparece imbricado no discurso do evento:

Figura 10 - Panfleto Festa da Gastronomia Italiana 2008



Fonte: Disponível no Arquivo da Secretaria de Cultura de Nova Veneza. Disponível no Arquivo da Secretaria de Cultura de Nova Veneza. Foto do autor. Data: 11 de setembro de 2017.

Podemos observar que a divulgação do *Carnavale di Venezia* começa a disputar espaço com o quesito gastronômico na promoção da festa. A grande expectativa por parte das figuras públicas do município fica evidente em uma matéria lançada pelo *Jornal da Manhã* nas vésperas de sua realização:

"[...] Nos hotéis, já começam a receber reservas de pessoas de fora", lembra. A primeira-dama, Sidinei Frigo, espera que o baile se efetive no calendário de eventos de Nova Veneza, "Esperamos que vire uma tradição também na cidade". concluiu. Para o Carnaval de Veneza são esperadas, aproximadamente 5 mil pessoas. Para a festa, que se estende até domingo, mais de 30 mil pessoas devem passar pelo Município. (JORNAL DA MANHÃ, s.a, s.d)¹³

Nota-se que a expectativa de público é triplicada em relação ao número de pessoas que passaram pelo evento em 2004. Assim como, se constata a participação de visitantes de outros estados, neste caso, do Rio de Janeiro nas comemorações de Nova Veneza. Aliás, o *Carnavale di Venezia* e a *Gôndola Lucille*, representaram a externalização de Nova Veneza, atingindo públicos de outras mesorregiões de Santa Catarina e do Brasil como um todo.

¹³ A publicação do *Jornal da Manhã* está salvaguardada em formato de recorte no Arquivo da Secretaria de Cultura do Município de Nova Veneza, Por essa razão não foi identificado por completo a referência do *Jornal*.

Aproveitando-se disto, nos anos posteriores criam-se dois eventos distintos, sendo estes, o *Carnavalle di Venezia* e o *Baile de Máscaras*, também conhecido como Baile de Gala. O *Baile de Máscaras* é um evento fechado que precede a *Festa da Gastronomia Italiana*. Este é realizado no início do mês de junho, de forma anual, no Palazzo Delle Acque, em português Palácio das Águas, que é o principal centro de eventos do município de Nova Veneza. Esta ocasião é marcada pela suntuosidade de trajes que fazem alusão aos da nobreza veneziana no século XVII e XVIII, assim como, máscaras que lembram os cortejos específicos do espaço e tempo em que são inspirados. Além de fechado ao público em geral, este evento pode atingir cifras exorbitantes entre o aluguel das fantasias e a compra dos ingressos.

Já o *Carnavalle di Venezia*, constitui-se como um evento simultâneo a *Festa da Gastronomia Italiana*. Nesta atração, ocorre a apresentação de desfiles alegóricos onde centenas de foliões em blocos carnavalescos tomam as ruas do centro municipal. As fantasias variam de cores e formatos, diferentemente do *Baile de Máscaras*, o *Carnavalle di Venezia* se apresenta como uma atração mais democrática. Em vista que a simples utilização de uma máscara com capa, já credencia a participação no evento.

A repercussão causada por esses novos diferenciais ganhará tamanha projeção que no dia 2 de setembro de 2011, o programa *Mais Você* da *Rede Globo* de televisão, realizou uma reportagem sobre a cidade. Na oportunidade, Nova Veneza foi apresentada como a “cidade mais italiana do Brasil”. Ao traduzir à identidade étnica dos moradores do município, a repórter vai além e diz: “São imigrantes que vieram do norte da Itália e trouxeram a tradição das máscaras e da comida.” (G1, 2011). Com o tom destes discursos, a reportagem conseguiu ao mesmo tempo reforçar as ‘tradições inventadas’ e promover o turismo étnico no município em proporções imensuráveis.

Diante da crescente demanda de adesões, a cidade desenvolveu um ateliê próprio para a confecção de todo o aparato de máscaras e indumentárias. Até o ano de 2013, as peças produzidas ficavam expostas para aluguel no sótão do Museu do Imigrante Padre Cônego Miguel Giacca, a partir de então, passaram para a parte inferior, dividindo espaço com os artefatos ligados a colonização (PORTAL VENEZA, 2013). Neste contexto, o museu se configurou como um espaço de disputa entre as diferentes construções de representação pública da identidade étnica em Nova

Veneza. Materializando a importância direcionada aos novos símbolos, em detrimento das velhas identidades ‘resgatadas’ durante o centenário.

A utilização do ‘cabide de Veneza’ tornou-se protagonista no crescimento da *Festa da Gastronomia Típica*. No ano de 2017, estima-se que 100 mil pessoas (ENGEPLUS, 2017) passaram pelo evento, números astronômicos quando comparados ao início dos anos 2000. Segundo a Secretária de Cultura do município, em 2017, a renda que circulou durante festejos é reflexo do crescimento de público:

A gente fez um controle daquele caixa central, que não funcionou muito bem por causa das filas, mas que o ano que vem agente vai melhorar, mas não vai tirar. Naquele controle, a gente conseguiu ver, quanto foi movimentado em dinheiro na festa. Diretamente, só aqui no pavilhão, foi comercializado mais de 1 milhão em produtos [...] No entorno de Veneza, deu uma renda de mais de 2 milhões, em três, quatro dias de festa. (BORTOLUZZI, 11/09/2017)

Quando a entrevistada se refere ao “entorno de Veneza”, está citando os restaurantes que incorporam os arredores do centro do município (Figura 9). Como podemos perceber, fica explícito o quanto se tornaram altamente lucrativos os eventos de junho na cidade, atingindo cifras milionárias para os setores hoteleiro e gastronômico no município.

Em entrevista para o Portal Engeplus, o atual prefeito Rogerio Frigo se referia ao sucesso do evento em 2017:

Nossa cidade há alguns anos, era final de linha, ninguém passa por Nova Veneza para ir a outro município. E fomos construindo um evento para atrair visitantes e turistas. A festa caiu no gosto da população e de quem vem à cidade. Muitas pessoas voltam durante outros meses do ano para conhecer um pouco mais de Nova Veneza. E, com isso, a cada ano o evento cresce e precisamos sempre estar ajustando para melhor receber. (ENGEPLUS, 2017)

No entanto, o crescente público da festa, não representa necessariamente a aceitação da população local quanto aos discursos introduzidos ao evento, pelo contrário, a secretária de cultura do município reconhece que quase a metade da cidade não participa dos festejos¹⁴ (BORTOLUZZI, 11/09/2017). Se por um lado é notória a participação de 100 mil pessoas nas festividades de um município com menos de 14 mil habitantes, por outro, se torna problemático o fato de que grande

¹⁴ Em entrevista com a Secretária de Cultura e Turismo de Nova Veneza, foi apresentada a seguinte fala: “Só pra te dar um exemplo, a última pesquisa que ele (Prefeito Rogério Frigo) apresentou pra nós na semana passada, avaliava a festa. E agente chegou a uma conclusão, 40% dos habitantes de Veneza não vêm pra festa, que são geralmente as pessoas do interior do município. (BORTOLUZZI, 11/09/2017)

parte dos neovenezianos não participe das comemorações que deveriam ser uma representação de sua identidade étnica.

Segundo o senso do IBGE, em 2010, 67% da população neoveneziana residia no meio rural, (OUL, 2010) isso ajuda a compreender a ausência de indivíduos locais no evento, já que as transformações que ocorreram em Nova Veneza durante o século XXI, além de priorizar o apelo turístico, concentraram-se em uma parte muito específica do centro municipal. O que é agravado pelo tom de eventos como o *Baile de Máscaras*, que acaba por atingir um público de foliões em condição social de semelhante privilégio. Excluindo grande parte de sua população, quando não pela rejeição identitária, por meio da segregação social.

Mesmo que associados como parte integrante da *Festa da Gastronomia*, a cada ano o *Carnevale di Venezia* e o *Baile de Máscaras*, tem criado mais autonomia, inclusive ofuscando o próprio sentido gastronômico dos festejos. Como podemos observar no panfleto de divulgação das festividades de 2018:

Figura 11 - Panfleto Festa da Gastronomia Típica Italiana e Canavele di Venezia 2018



Fonte: Foto do autor. Data: 11 set. 2017.

Por meio da ausência de símbolos gastronômicos, nota-se a nova construção do discurso que se apresenta perante a representação pública da identidade étnica em Nova Veneza. Em um movimento sempre recorrente de contrapor um elemento

sobre o outro, visando à adesão de novos públicos. As transformações na identidade étnica local tiveram o claro objetivo de concretizar a cidade como polo turístico catarinense. No entanto, estes símbolos acabam indo na contramão da forma com que sua etnicidade foi apresentada durante as comemorações do centenário de colonização.

No sentido conceitual, a etnicidade, no caso deste grupo, se formaria através da união entre a cultura do interior do Vêneto e as experiências vividas ao longo do período pós-migratório em terras brasileiras. Entretanto, após a descoberta da utilização dos cabides por parte do poder público, o limite da mudança se torna até aonde vai à imaginação e o sucesso de público. Desta forma, a cidade de Nova Veneza continua a trabalhar progressivamente na concretização da sua posição enquanto polo turístico nacional.

Podemos evidenciar isso, ao analisar o Projeto de Lei 2042/2015 da deputada federal Geovania de Sá, que concede a Nova Veneza – SC, o título de *Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana*, (PORTAL VENEZA, 2013) atualmente dependendo apenas da aprovação do Senado Federal para ser concretizado. O que demonstra que os esforços em prol do ‘resgate’ identitário do centenário em 1991, junto das políticas públicas de incentivo ao turismo do século XXI, buscam estabelecer Nova Veneza como a ‘cidade mais italiana do Brasil’.

7 CONCLUSÃO

Desde o seu *Centenário de Colonização em 1991*, Nova Veneza viu que em meio às movimentações nacionais correntes a partir de 1975, uma oportunidade de disseminar o ‘resgate’ da italianidade por meio de políticas públicas. Na ocasião, estabelecendo ligações entre os contemporâneos de Nova Veneza e seus antepassados que dominaram a então Colônia em 1891.

Para isso, suscitaram a figura grandiosa dos colonizadores por meio de características morais, como o catolicismo, a união familiar e o trabalho legitimador. As necessidades de evocação dessas *tradições construídas* surgem como uma forma de apagar as opressões institucionalizadas por Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Sua Política de Nacionalização como pôde ser constatado, geraram tamanha retração, que apenas quase meio século depois veio ressurgir a público.

A partir do século XX, a cidade de Nova Veneza se notabilizou como mais um exemplo manifesto de desenvolvimento econômico por meio do turismo étnico. O pequeno município com menos de 14 mil habitantes conseguiu se transformar em um importante ponto de visitação, da região sul catarinense. Se tornando alternativa para quem procura entretenimento por intermédio de uma cultura ‘Tipicamente italiana’. Conseguindo assim, em um espaço temporal menor que duas décadas estabelecer-se no circuito de festas étnicas graças ao setor gastronômico.

Entretanto, as portas abertas pelo *diferencial da gastronomia* desencadearam uma sucessão de novas incorporações, transformando o centro da cidade em um reflexo do *cabide de Veneza* assumido pelo município desde a conquista da gôndola. O que gerou uma busca desmedida por novas características, em detrimento das antigas identidades ligadas a colonização. Em um movimento que denuncia a maleabilidade étnica imbricada nas noções de cultura e turismo do poder público municipal, as quais acabaram por se confundir do decorrer dos processos.

Pessoalmente, a intenção não foi estabelecer uma verdade absoluta sobre a forma de pensar as relações étnicas. O correto de se afirmar, é que se existe um único modelo, ele se encontra naquele que não exclui nenhuma identidade em seu processo de construção. De certa forma, a cidade de Nova Veneza seguiu o caminho reverso disso, pois quando se estabelece determinado preço para a etnia, se exclui todos aqueles que não possuem capital econômico para exercê-la. O que transformou a localidade em um espaço dos outros, visitantes e turistas. Ao mesmo

passo, em que contraditoriamente, se legitima por uma identidade étnica própria de seus moradores.

REFERÊNCIAS

- BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições**. 2º ed. 2005.
- BAUMAM, Zygmunt. **Identidade, entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BIF, Carla Zanette. **História e Historiografia da Colônia Nova Veneza (SC): Uma abordagem de História Ambiental**. Criciúma: UNESC, 2009.
- BOLSANELLO, Maria Augusto. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”**: sua repercussão na sociedade e na educação brasileiras. Curitiba: Educar, Editora da UFPR, n° 12, 1996, p. 153 – 165.
- BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza. Nova Veneza**: Prefeitura Municipal, 1991.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002)**. Florianópolis: UFSC, 2003.
- CARDOSO, Michele Gonçalves. **Alá na cidade das etnias: a consolidação do grupo étnico Árabe em Criciúma**. Criciúma: UNESC, 2007.
- COLOGNESE, Silvio Antônio. **Gerações, fronteiras e italianidade no sul do Brasil**. Tempo de Ciência (18), 36: 2011, p. 137 – 152.
- DALL’ALBA, João Leonir. **Pioneiros nas terras dos Condes**. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado, 1971.
- GOMES, Angela de Castro. Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: Ibge, 2007. p. 161-177.
- GONÇALVES, Janice. **Patrimônio em litígio: conflitos e tensões nos tombamentos estaduais catarinenses**. Anais do XIV Encontro de História – Tempo, memórias e expectativas. Florianópolis: UDESC, 2012.
- HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HOBSBAWM, Erich; RANGER, Terence. Introdução. In: **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9 - 23.

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da urbe**: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma - SC (1945-1980) Porto Alegre: UFRGS, 2006.

OTTO, Clarícia. **Catolocidades e italianidades**: tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis, SC: Insular, 2006.

PAGNOTTA Chiara; ASSIS, Gláudia de Oliveira. **Os italianos no espaço público de Santa Catarina (Brasil)**: Entre epopeia e festas étnicas. Confluente. Vol. 9, Nº 1, 2017, p. 78 – 106.

PEREIRA, Vera Regina Bacha. A complexidade do projeto de nacionalização. In: **Nacionalização**: Autoritarismo e Educação Inspetores e professores nas escolas catarinenses (1930-1940). Florianópolis: UFSC, 2004, p. 142 – 158.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: Editora UNESP, 1997

SELAU, Maurício. **A ocupação do território Xocleng pelos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina (1875 – 1925)**: resistência e extermínio. Florianópolis: Editora Bernúncia, 2010.

SEVERING, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana**: a maquiagem possível. Florianópolis: UFSC, 1998.

SILVA, Tomas Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu (org). **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73-100.

TOMASI, Julia Massucheti. **Ritornando alle origini**: a identidade italiana em Urussanga (SC) no final do século XX e início do XXI. Fronteiras: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n. 20, 2012, p.33-52.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu. (org). **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 7 – 67.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS. Santa Maria: Ed. UFSM, 2006.

REFERÊNCIAS ONLINE

Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. **Nova Veneza é reconhecida como Capital Catarinense da Gastronomia Típica Italiana.** 2011. Disponível em: <<https://al-sc.jusbrasil.com.br/noticias/2948041/nova-veneza-e-reconhecida-como-capital-catarinense-da-gastronomia-tipica-italiana>>. Acesso em: 28 set. 2017.

DESTAQUE SUL. **Gôndola retorna a praça central de Nova Veneza.** 2014. Disponível em: <<http://www.destaquesul.com.br/gondola-retorna-praca-central-de-nova-veneza/>>. Acesso em: 28 de set. 2017

ENGEPLUS (Nova Veneza). **Gôndola pára Nova Veneza.** 2006. Disponível em: <<http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2006/gondola-para-nova-veneza/>>. Acesso em: 28 set. 2017.

ENGEPLUS (Nova Veneza). **Festa da Gastronomia bate recorde de público:** Foram 100 mil pessoas durante os cinco dias do evento. 2017. Disponível em: <<http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2017/festa-da-gastronomia-bate-recorde-de-publico/>>. Acesso em: 28 set. 2017.

G1. **Cidade mais italiana do Brasil é o destino do ‘Tem Visita’:** MAIS VOCÊ. 2011. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/v2011/MaisVoce/0,,MUL1671781-10345,00-CIDADE+MAIS+ITALIANA+DO+BRASIL+E+O+DESTINO+DO+TEM+VISITA.html>>. Acesso em: 28 set. 2017.

NOVA Veneza, um pedaço da Itália no Brasil. Produção de Sc Sem Fronteiras. Nova Veneza Sc, 2013. (28 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FU_dYaw-21E>. Acesso em: 28 set. 2017.

UOL. **CENSO 2010.** 2010. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/censo-2010/populacao-urbana-e-rural/sc>>. Acesso em: 28 set. 2017.

PORTAL VENEZA (Nova Veneza Sc). **Nova Veneza pleiteia título de Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana.** 2013. Disponível em: <<https://www.portalvенеza.com.br/nova-veneza-pleiteia-titulo-de-capital-nacional-da-gastronomia-tipica-italiana/>>. Acesso em: 28 set. 2017.

PORTAL VENEZA (Nova Veneza Sc). **Nova Veneza com local especial para aluguel de trajes.** 2013. Disponível em: <<https://www.portalvенеza.com.br/nova-veneza-com-local-especial-para-aluguel-de-trajes/>>. Acesso em: 28 set. 2017.

PROGRAMA LAR LEGAL (Nova Veneza Sc). **Projeto Lar Legal entrega as primeiras 22 escrituras em Nova Veneza.** 2017. Disponível em: <<http://www.novaveneza.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaltem/6275/codNoticia/450439>>. Acesso em: 28 set. 2017.

NOVA VENEZA. Autoriza o Município a apresentar proposta de título Honorífico de cidade irmã- gemellaggio –de Nova Veneza. SC. BR. à cidade de Malo, Província de Vicenza, Tália. **Lei N° 1.666 de 01 de Março de 2004.** Disponível em: <http://www.camaranovaveneza.sc.gov.br/camara/proposicao/Lei/2003/1/0/1617?tem>

a=as. Acesso em: 28 set. 2017

FONTES DA SECRETARIA DE CULTURA DE NOVA VENEZA

CARNAVALE di Venezia é destaque. *Portal Veneza*. Nova Veneza, 27 a 11 de junho de 2008. Matéria da Capa. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

FESTA da gastronomia: delícias da culinária e da música italiana. *Jornal da Manhã*. Criciúma. s.d., Geral. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

JORNAL DA MANHÃ, Criciúma, 20 de junho de 2004, nº da edição desconhecida. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

MISTÉRIO, alegria e muita comida em Nova Veneza. *A tribuna*, Criciúma, 6 de junho de 2008, Cultura e Lazer. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

NIERA, Daniela. Público supera expectativas na festa de Nova Veneza. *Jornal da Manhã*, Criciúma, 21 de junho de 2004. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

NOVA Veneza comemorou Colonização e emancipação em alto estilo. [sem nome do jornal], 25 de junho de 2004. Folha dos municípios. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

NOVA Veneza divulga a festa da Gastronomia: evento marca o cinquentenário de emancipação política-administrativa. *A Tribuna*. Criciúma, 06 de junho de 2008, Cultura e Lazer, p. 3. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

RODRIGUES, Fernanda. Carnaval de Veneza, charme e mistério nas máscaras [indecifrável]. *Jornal da Manhã*. Criciúma. s.s., Geral. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

SPILLERE Benício Marcos. Coluna. *Jornal da Manhã*, Criciúma, 28 de junho de 2004. Disponível em Secretaria de Cultura de Nova Veneza – SC.

ENTREVISTA ORAL

BORTOLUZZI, Susan. Entrevista concedida a Egar Preis Junior. Nova Veneza, 11 de setembro de 2017.